

# **V CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA**

**ARQUIVOLOGIA E INTERNET:  
CONEXÕES PARA O FUTURO**

**01 a 05 de Outubro 2012 | Salvador-BA**  
Pestana Bahia Hotel

## **TRABALHOS COMPLETOS**

[www.enara.org.br/cna2012](http://www.enara.org.br/cna2012)  
Salvador. A Capital Nacional da Arquivologia em 2012

---

## SUMÁRIO

QUANDO O ACESSÁVEL PODE NÃO SER ACESSÍVEL: UM ESTUDO SOBRE O SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAÍBA (SAPL) À LUZ DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, **JOSÉ CANUTO DA SILVA JÚNIOR (e co-autoria de Henrique Elias Cabral França)**

O ACESSO A INFORMAÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA E SUA CONSOLIDAÇÃO LEGAL NO BRASIL: PROPOSTAS DE REFLEXÃO PARA O PROFISSIONAL ARQUIVISTA, **HENRIQUE ELIAS CABRAL FRANÇA (e co-autoria de José Canuto Da Silva Júnior)**

INVESTIGAÇÃO DO USO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO NORTE: UMA VISÃO ATRAVÉS DOS FUNCIONÁRIOS DAS SECRETARIAS DO MUNICÍPIO, **WENDEL GIBBON DE OLIVEIRA (e co-autoria de Valéria Raquel Bertotti; Angélica C. D. Miranda)**

PRINCÍPIOS CIENTÍFICOS DA CLASSIFICAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES AO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES-FIM DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR – IFES, **ROSALE DE MATTOS SOUZA (e co-autoria de Andressa Furtado da Silva de Aguiar; Gleice da Silva Branco)**

CURSO DE QUÍMICA INDUSTRIAL/UFRGS TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA DOS HISTÓRICOS ESCOLARES, **BRUNA ARGENTA MODEL (e co-autoria de Ana Regina Berwanger)**

A INOVAÇÃO E A ARQUIVOLOGIA: CONCEITO E CIÊNCIA PARA A SOCIEDADE, **ELIANDRO DOS SANTOS COSTA (e co-autoria de Maria Inês Tomael, Mayara Talita dos Santos)**

DISCUTINDO A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUIVÍSTICO DIGITAL, **LAERTE PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (e co-autoria de Thais Helen do Nascimento Santos)**

LABORATÓRIO DE PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS INTEGRADAS: O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFPB, **JULIANNE TEIXEIRA E SILVA (e co-autoria de Maria Meriane Vieira Rocha)**

LEVANTAMENTO DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL DE UMA COORDENAÇÃO DE CONTABILIDADE E FINANÇAS DE UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO SUPERIOR: ASPECTOS PRELIMINARES PARA UMA GESTÃO ARQUIVÍSTICA, **CLODEMIR DA COSTA NASCIMENTO (e co-autoria de Rosa Zuleide Lima de Brito, Julianne Teixeira e Silva)**

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA, **MARIA MERIANE VIEIRA DA ROCHA (e co-autoria de Julianne Teixeira e Silva)**

O FLUXO DOCUMENTAL DA JUSTIÇA FEDERAL DA PARAÍBA (JFPB): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, **MARCIO BEZERRA DA SILVA (e co-autoria de Wendia Oliveira de Andrade, Rosa Zuleide de Brito)**

FOTOGRAFIAS DO CHCP: POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS PARA A PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA MEMÓRIA, **MARIA CANDIDA DA SILVEIRA SKREBSKY (e co-autoria de Carlos Blaya Perez)**

ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO EM ARQUIVOS SOB A PERSPECTIVA DOS SERVIÇOS DE DIFUSÃO CULTURAL E AÇÕES EDUCATIVAS, **THAIS HELEN DO NASCIMENTO SANTOS (e co-autoria de José Washington de Moraes Medeiros)**

SISTEMA DE GESTÃO INTEGRADO: DESVENDANDO O PROTOCOLO DO IMEQ/PB – INMETRO, **ESMERALDA PORFIRIO DE SALES (e co-autoria de Christian Palmer Ferreira da Silva, João Paulo do Nascimento Soares)**

---

---

A COORDENAÇÃO DE ARQUIVOS DA UFF: UM PROCESSO ARQUIVÍSTICO DE REVITALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO., **ROSALE DE MATTOS SOUZA (e co-autoria de Jorge Martins Fagundes, Beatriz Bahia, Igor Garcez, Pablo Souza Vaqueiro)**

FACULDADE DE DIREITO CLOVIS BEVILAQUA: A DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA ATRAVÉS DO ICA-ATOM, **ANDREA GONÇALVES DOS SANTOS (e co-autoria de Bruna Paim Reis, Daniel Flores)**

A POLÍTICA DE ARRANJO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG, **ANDREA GONÇALVES DOS SANTOS (e co-autoria de Karin Christine Schwarzbald; Tatiane Vedoin Viero)**

A JUSTIÇA FEDERAL DA PARAÍBA (JFPB) E O USO DO SRI TEBAS, **WENDIA OLIVEIRA DE ANDRADE (e co-autor Marcio Bezerra da Silva)**

A TEORIA E A "PRÁXIS" DAS TRÊS IDADES DOCUMENTAIS NA REALIDADE DAS MASSAS DOCUMENTAIS ACUMULADAS NOS ARQUIVOS BRASILEIROS, **KLEANE PÂMELA PEREIRA DOS SANTOS (e co-autoria de Rodrigo Fortes)**

UM RECORTE DA REALIDADE DA PROFISSÃO DO ARQUIVISTA: A ATUAÇÃO DOS ARQUIVISTAS NAS ORGANIZAÇÕES CONTÁBEIS, **STELA LICHTENHELD CRAUS (e co-autoria de Maria Beraldi Passini de Castro)**

CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS EM UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DE TRÊS CASOS, **MARIA RAQUEL LISBOA COSTA MARQUES**

A DIFUSÃO E A "PÓS-DIFUSÃO" CULTURAL COMO ESTRATÉGIA DE DISSEMINAÇÃO DOS SERVIÇOS DE ARQUIVO., **SUELLEN BARBOSA GALDINO (e co-autoria de Rodrigo Fortes de Ávila)**

PERSPECTIVAS PARA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA: CONSTRUÇÃO DO CATÁLOGO PARA O ARQUIVO MUSICAL DA BANDA DE MÚSICA 5 DE AGOSTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA-PB, **EGBERTO DA SILVA LIMA (e co-autoria de Manuela E. Maia, Rodrigo Fortes de Ávila)**

LEI DE ACESSO: A EXPERIÊNCIA DA UFRGS, **RITA DE CÁSSIA PORTELA DA SILVA (e co-autoria de Flávia Helena Conrado)**

A INSERÇÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA : O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL), **LINETE BARTALO (e co-autoria de Ivone Guerreiro Di Chiara; Miguel Luiz Contani)**

O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO TÉCNICA EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO A PARTIR DA CAPACITAÇÃO DE SERVIDORES, **MARCELA GONÇALVES TEIXEIRA (e co-autoria de Daniel Flores)**

CATÁLOGO SELETIVO DO 1º SEMINÁRIO DE ENSINO EM ARQUIVOLOGIA FURG, **ROSANE APARECIDA DE ANDRADE (e co-autoria de Fabiane Pereira da Silveira, Valéria Raquel Bertotti)**

PALEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE E O ENSINO PALEOGRÁFICO FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS, **ENEIDA IZABEL SHIRMER RICHTER (e co-autoria de Rafael Chaves Ferreira)**

POLÍTICAS DE ACCESO A LA INFORMACIÓN Y SU RELACIÓN CON EL CONCEPTO DE CIUDAD-REGIÓN, **MARIA JANNETH ALVAREZ ALVAREZ**

---

GESTÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA FURG, **ROSANE APARECIDA DE ANDRADE** (e co-autoria de **Luciana Penna dos Santos, Luciana Souza de Brito**)

INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: REFLEXÃO DOS CONCEITOS SOB A ÓTICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, **DANIELLE ALVES DE OLIVEIRA** (e co-autoria de **Thiago Gomes Medeiros**)

ARQUIVOLOGIA E HISTÓRIA: UM DIÁLOGO ESSENCIAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA, **RAFAEL CHAVES FERREIRA** (e co-autoria de **Glauca Vieira Ramos Konrad**)

O ARQUIVISTA E SUA REPRESENTAÇÃO NAS MÍDIAS: A (DES)CONSTRUÇÃO DO PROFISSIONAL, **ALESSANDRO FERREIRA COSTA** (e co-autoria de **Eliane Bezerra Lima**)

CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E SEUS NOVOS DESAFIOS, **MARIA RAQUEL LISBOA COSTA MARQUES**

A GESTÃO DOCUMENTAL NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM, **ROSINILDA DAMASCENO DOS SANTOS FILHA** (e co-autoria de **Augusto Britto**)

A INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA COMO SUBSTRATO CULTURAL NA CONSOLIDAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA., **DANIELLE ALVES DE OLIVEIRA**

A MEMÓRIA E A ARQUIVÍSTICA: RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – RS, **GEISI GRAZIANE GOULARTE ANTONELLO** (e co-autoria de **Carla Saldanha da Silva, Rosani Beatriz Pivetta da Silva**)

DE GUARDIÃO DE DOCUMENTOS A GESTOR DA INFORMAÇÃO: O ARQUIVISTA EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE PROFISSIONAL, **WAGNER RAMOS RIDOLPHI**

AS PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS NO CONTEXTO DO ARQUIVO GERAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB), **INGRID RIQUE DA ESCÓSSIA PEREIRA** (e co-autoria de **Janaina Lima dos Santos, Priscila Zelo Patrício de França, Rosa Zuleide Lima de Brito**)

APLICAÇÃO DA NORMA ISDF NA SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE RESTINGA SÊCA, **SÔNIA ELISABETE CONSTANTE** (e co-autoria de **Daine Regina Segabinazzi Pradebon, Lisieli Rorato Dotto, Débora Flores**)

A REVISÃO CURRICULAR EM CURSOS DE ARQUIVOLOGIA: UM ESTUDO NA UFSM, **SÔNIA ELISABETE CONSTANTE** (e co-autoria de **Emili Lemanski dos Santos, Lisieli Rorato Dotto, Fernanda Kieling Pedrazzi**)

SENSIBILIZAÇÃO DA NECESSIDADE DE PROFISSIONAL ARQUIVISTA PARA GERENCIAMENTO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO TELEVISIVA, **ANA ISABEL FERREIRA WANDERLEY** (e co-autoria de **Érica Ferreira Rodrigues, Lidiane Carneiro de Sousa, Lidiane da Silva Ferreira**)

PRESERVAÇÃO DE ACERVOS, MARMORIZAÇÃO DE PAPEL E INCLUSÃO SOCIAL, **CRISTINA STROHSCHOEN** (e co-autoria de **Denise Molon Castanho, Luiza Segabinazzi Pacheco**)

DIAGNÓSTICO TÉCNICO E DIRETRIZES PARA REVITALIZAÇÃO DO ARQUIVO DA DIVISÃO DE ARQUIVO MÉDICO E ESTATÍSTICA (DAME) DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEI – UFPB, **JULIANNE TEIXEIRA E SILVA** (e co-autoria de **Dulce Amélia de Brito Neves**)

---

ASPECTOS GERAIS SOBRE PRESTAÇÃO DE CONTAS: TEMPORALIDADE DE DOCUMENTOS PÚBLICOS DE ARQUIVO VINCULADOS À APROVAÇÃO DE CONTAS, **DOMINGOS DA COSTA RODRIGUES** (e co-autoria de **Tânia Maria de Moura Pereira, Eliane Braga de Oliveira, Sérgio P. da Silva Coletto**)

A ELABORAÇÃO DO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO PARA A SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO – SMHADU: SUBSÍDIOS PARA A DEFINIÇÃO DE POLÍTICAS DE SISTEMAS DE ARQUIVO E GESTÃO DOCUMENTAL NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, **GISLAINE PINTO KRAMER** (e co-autoria de **Giulia Machado Tavares, Jorge Alberto Soares Cruz, Rita de Cássia Portela da Silva**)

O PAPEL DO ARQUIVISTA NO PROCESSO DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUIVÍSTICO: A EXPERIÊNCIA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS NO TREINAMENTO, CONSCIENTIZAÇÃO E ENSINO DE PRÁTICAS E POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS, **WELDER ANTONIO SILVA** (e co-autoria de **Wendell Lopes de Assis**)

O NUDOC COMO MEMÓRIA DO CINEMA PARAIBANO, **CAROLINA BARROS MADRUGA** (e co-autoria de **Aline Rouse Almeida da Silva**)

PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DO ACERVO HISTÓRICO DO CPDOC: DESAFIOS E PERSPECTIVAS, **DANIELE CHAVES AMADO** (e co-autoria de **Martina Spohr**)

GUIA DA COLEÇÃO “JORNAIS DO BRASIL: O ACERVO DE JORNAIS DO ARQUIVO CENTRAL E HISTÓRICO DA UFV” E INVENTÁRIO DA SÉRIE “JORNAIS DE ESQUERDA”, **EDUARDO LUIZ DOS SANTOS** (e co-autoria de **Sara Helena Amaral de Sousa**.)

POLÍTICAS DE ACESSO E PRESERVAÇÃO DE COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS DE NEGATIVOS DE VIDRO: QUANDO O PATRIMÔNIO É UMA IMAGEM QUE QUEBRA!, **CRISTINA STROHSCHOEN** (e co-autoria de **Carlos Blaya Perez**)

A DIFUSÃO NO USO DOS DOCUMENTOS ELETRÔNICOS E A FUNÇÃO DO ARQUIVISTA NESSE NOVO CENÁRIO, **KÁTIA SANTIAGO VENTURA** (e co-autoria de **Carlos Roberto do Nascimento Cavalcante**)

INFORMAÇÃO ESTRATÉGICA EM REDE: A EXPERIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DE SISTEMA DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DIRECIONADA PARA TOMADA DE DECISÃO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR, **KÁTIA SANTIAGO VENTURA** (e co-autoria de **Carlos Roberto do Nascimento Cavalcante**)

RELAÇÕES ENTRE OS REPOSITÓRIOS DIGITAIS E OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS, **ALEXANDRE FERNAL** (e co-autoria de **Fernando Luiz Vechiato**)

A PESQUISA E O RESPEITO AO PRINCÍPIO DA PROVENIÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA (MAE) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), **ÂNGELA CAROLINA DE CASTRO SIMÕES** (e co-autoria de **Aline Fernanda Lopes**)

ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO INTERMEDIÁRIO E PERMANENTE DO ARQUIVO GERAL DA UFBA, **NANCI MOREIRA DOS SANTOS** (e co-autoria de **Patrícia Reis**)

O “DISCURSO DE/SOBRE” A LEI Nº 12.527 EM DUAS MATERIALIDADES: A LEI E O JORNAL, **FERNANDA KIELING PEDRAZZI**

---

NORMATIVAS PARA DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA INFORMATIZADO DE GESTÃO ARQUIVÍSTICA DE DOCUMENTOS, **FERNANDO ALVES DA GAMA (e co-autoria de Ivone Gomes de Brito)**

O MARKETING COMO FERRAMENTA DE DIFUSÃO DAS ATIVIDADES ARQUIVÍSTICAS, **FERNANDA MARCELE SANTANA LAGE LINHARES (e co-autoria de Nídia Maria Lienert Lubisco)**

APLICAÇÃO DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, DA USABILIDADE E DA ACESSIBILIDADE EM WEB SITES DE ARQUIVOS, **FERNANDO LUIZ VECHIATO (e co-autoria de Vânia Jaqueline Domingues, Ana Maria da Silva Rebelo, Alexandre Fernal)**

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A DISCIPLINA DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA OFERTADA NOS DIFERENTES CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL., **TIELE PADILHA SILVEIRA (e co-autoria de Valéria Raquel Bertotti.)**

O DIAGNÓSTICO DE ARQUIVO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DO FAZER ARQUIVÍSTICO: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS II NO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UEPB, **KETLEN OLIVEIRA ESTEVAM (e co-autoria de Maria José Cordeiro de Lima)**

ARQUIVOLOGIA: NOVAS TECNOLOGIAS E ANTIGOS DESAFIOS, **EVA CRISTINA LEITE DA SILVA (e co-autoria de Graziela Martins de Medeiros, Luciane Paula Vital)**

"METODOLOGIA PARA ANÁLISE, AVALIAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR DE CURSOS DE ARQUIVOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS" , **LEANDRO RIBEIRO NEGREIROS (e co-autoria de Welder Antônio Silva, Cíntia Aparecida Chagas Arreguy)**

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL E NO MUNDO NO SÉCULO XIX: A ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DA COLEÇÃO DE IMPRESSOS DO ACERVO ARQUIVÍSTICO DO OBSERVATÓRIO NACIONAL, **EVERALDO PEREIRA FRADE (e co-autoria de José Benito Yárritu Abellás e Nínive Britez Biçakçi)**

PRESERVAÇÃO E ACESSO: RAZÕES E CAMINHOS DE UM PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS: O CASO DO ARQUIVO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO MAST, **JOSÉ BENITO YÁRRITU ABELLÁS (e co-autoria de Everaldo Pereira Frade)**

O ACESSO A INFORMAÇÃO: MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO ESTADO DA PARAÍBA, **ISMAEL BATISTA DOS SANTOS SILVA**

A PRODUÇÃO E A CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS NO SOFTWARE DE GESTÃO DOCUMENTAL NUXEO SOB A ÓTICA DA ARQUIVÍSTICA, **SERGIO RENATO LAMPERT (e co-autoria de Daniel Flores)**

OBJETOS VIRTUAIS INTERATIVOS NO ENSINO DE ARQUIVOLOGIA, **LUCIANA OLIVEIRA PENNA DOS SANTOS Luciana Souza de Britto, Rafael Augusto Penna dos Santos**

A SAÚDE NO BRASIL E OS ARQUIVOS MÉDICOS COMO INSTRUMENTO PARA EXERCÍCIO DA CIDADANIA, **RAONE SOMAVILLA**

DISCURSOS DE MEMÓRIA DO ASSOCIATIVISMO ARQUIVÍSTICO BRASILEIRO, **EVELYN GOYANNES DILL ORRICO (e co-autoria de Eliezer Pires da Silva)**

---

O USO DE TECNOLOGIAS PARA MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES ARQUIVÍSTICA, **BRUNO OLIVEIRA DA COSTA (e co-autoria de Elias de Oliveira)**

ARQUIVO DIGITAL ESCOLAR(ARQDESC) ARQUITETURA DE UM SISTEMA INFORMATIZADO PARA O ARQUIVO DA ESCOLA JOSÉ LINS DO RÊGO, **IRANY RODRIGUES BARBOSA (e co-autoria de Josemar Henrique de Melo)**

SISTEMA INTEGRADO DE ACESSO DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (SIA-APM): UMA EXPERIÊNCIA DE DIFUSÃO ON LINE, **RENATO PINTO VENANCIO**

A NECESSIDADE DE IMPLANTAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS NA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, **ANA LÚCIA DA SILVA DO CARMO**

ANÁLISE DO MÓDULO ARQUIVO DO SISTEMA PERGAMUM, **ANA PAULA ALVES SOARES**

PRESERVAÇÃO DIGITAL E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: O USO DA NORMA ISO/IEC 17799 – CÓDIGO DE PRÁTICA PARA GESTÃO DA SEGURANÇA DE INFORMAÇÕES NAS INSTITUIÇÕES DE SALVADOR DURANTE A REALIZAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DIGITAL DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS, **RAFAEL BOTELHO DORIA (e co-autoria de Sérgio Franklin Ribeiro da Silva)**

A APLICABILIDADE DO MARKETING NO ARQUIVO, **NELMA CAMÊLO DE ARAUJO (e co-autoria de Ana Paula Barbara)**

ARQUIVISTA: MANEJO DE ARQUIVOS E DE REGISTROS, **ELAYNE ORTOLAN ALTOÉ (e co-autoria de Taiguara Villela)**

O PAPEL DA FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO AMAZONAS (FAPEAM) PARA A ORGANIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS ARQUIVOS DOCUMENTAIS NO AMAZONAS, **RODOLFO ALMEIDA DE AZEVEDO (e co-autoria de Francisca Deusa Sena da Costa)**

A ONTOLOGIA DO CUIDADOR: ARTICULAÇÕES ENTRE AS COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL MÉDICO E DO PROFISSIONAL ARQUIVÍSTICO., **MICHELLE CHAVES DE ARAÚJO (e co-autoria de Esmeralda Porfírio de Sales)**

O ARQUIVO DE LINA BO BARDI: REVISITANDO UMA EXPERIÊNCIA, **JOSÉ FRANCISCO GUELFY CAMPOS**

LEGISLAÇÃO SOBRE DOCUMENTOS DE PROCESSOS JURÍDICOS PARA DIGITALIZAÇÃO., **MARCELO FERNANDES RODRIGUES (e co-autoria de Diana Vilas Boas Souto)**

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB O OLHAR DOS ALUNOS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFPB, **GENOVEVA BATISTA DO NASCIMENTO (e co-autoria de Ismael Batista dos Santos Silva, Katyuscia Sales de Assis)**

APLICABILIDADE DO GERENCIAMENTO ELETRÔNICO DE DOCUMENTOS: UM ESTUDO NA UFBA, **LUCINEIDE NASCIMENTO DE ALMEIDA DIAS (e co-autoria de Dulce Paradello)**

OS ARQUIVOS/REPOSITÓRIOS DIGITAIS COMO AMBIENTES DE LIVRE ACESSO À PRODUÇÃO DOCUMENTAL ACADÊMICA CIENTÍFICA, **GLEISE DA SILVA BRANDÃO (e co-autoria de Keyla Sousa Santos)**

ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO PROJETO CINEMÓRIA – A HISTÓRIA DAS SALAS DE CINEMA DO ESPÍRITO SANTO (1907-2008), **ANDRÉ MALVERDES**

---

---

DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS EM AMBIENTE DE ARQUIVO, **LUIZ ANTONIO SANTANA DA SILVA (e co-autoria de Telma Campanha de Carvalho Madio)**

SUBPROJETO FOTOGRAFIA NA LATA : CRIATIVIDADE COM PINHOLE E MARMORIZAÇÃO, **JANAINA VEDOIN LOPES (e co-autoria de Carlos Blaya Perez, Bruno Stock, Carla Saldanha da Silva, Letícia da Silva Fausto, Tamy Silva)**

DE 1999 A 2012- O PANORAMA DA CONSTRUÇÃO DE WEBSITES EM INSTITUIÇÕES DE ARQUIVO DE ACESSO PÚBLICO NO BRASIL, **LEANDRA NASCIMENTO FONSECA (e co-autoria de Fernanda Maria da Costa)**

A ORGANIZAÇÃO ARQUIVÍSTICA NOS ARQUIVOS PESSOAIS DE ESCRITORES BRASILEIROS: RELATO DO ARQUIVO CLARICE LISPECTOR, **MARCOS ULISSES CAVALHEIRO (e co-autoria de Sonia Maria Troitiño Rodriguez)**

ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS E REDES DE COOPERAÇÃO ENTRE AS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (IFES) DO BRASIL, **RENATO MOTTA RODRIGUES DA SILVA**

DESAFIOS DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA: DA ESCOLHA NO VESTIBULAR AO MERCADO DE TRABALHO, **FERNANDA MARIA OLIVEIRA DA COSTA**

O MAPEAMENTO CULTURAL E A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ESTADO DO PARÁ, **MARIA DO SOCORRO BAIA DOS SANTOS (e co-autoria de Terezinha Maria de Jesus da Conceição Lima)**

A GESTÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA COMO SUPORTE PARA A TOMADA DE DECISÃO POLÍTICA NA ÁREA DE SEGURANÇA PÚBLICA: O COMBATE AO NARCOTRÁFICO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2006-2010), **BRUNO MACEDO NATHANSOHN**

ATORES ACADÊMICOS DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL, **ELIEZER PIRES DA SILVA (e co-autoria de Thais Tavares Martins e Natacha Silva Fonseca)**

O USO DAS TÉCNICAS ARQUIVÍSTICAS PARA O REGISTRO DAS LIÇÕES APRENDIDAS NO GERENCIAMENTO DE PROJETOS, **MILENA DE JESUS MELO**

POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DIGITAL: ESTUDO DE CASO EM ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA DE PORTO ALEGRE/RS, **VERA LÚCIA SANTOS DOS SANTOS**

FOTOGRAFIAS DE ROMEIROS COMO DOCUMENTO DE ARQUIVO, **ARILUCI GOES ELLIOTT (e co-autoria de Telma Campanha de Carvalho Madio)**

A RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO SOB A ÓTICA DOS USUÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO DO USO DA BASE DE DADOS ACCESSUS, **RENAN MARINHO DE CASTRO**

CORRELAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS E OS ANSEIOS DA HISTORIOGRAFIA NA ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL, **AUGUSTO CÉSAR LUIZ BRITTO**

MIGRAÇÃO DE SUPORTE DE FITAS MAGNÉTICAS DE ÁUDIO CASSETE: UM ESTUDO PRELIMINAR DO TRIBUNAL REGIONAL DA 4ª REGIÃO – TRF4, **MAURO SÉRGIO DA ROSA AMARAL**

A UFSM NO PROJETO RONDON – CAMPUS AVANÇADO DE RORAIMA: DESCRIÇÃO E ACESSO AO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL, **CAMILA POERSCHKE RODRIGUES (e co-autoria de Daniel Flores)**

---

ARQUIVOS SETORIAIS: EXPANSÃO DAS POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS NA UFSM, **MAIARA DE ARRUDA NASCIMENTO** (e co-autoria de **Camila Poerschke Rodrigues, Cristina Strohschoen, Débora Flores, Dione Calil Gomes, Franciele Simon Carpes, Livia Rocha Retamoso, Neiva Pavezi, Rita Medianeira Ilha, Rosilaine Zoch Bello**)

ESPAÇOS INFORMACIONAIS VIRTUAIS: A DISPONIBILIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA NA WEB, **MAIARA DE ARRUDA NASCIMENTO**

DOCUMENTAÇÃO SERGIPANA E AS NOVAS TIC'S: IMPACTOS E PRÁTICAS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, NO ACERVO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA CENTRAL., **JOSEANE OLIVEIRA DA CRUZ** (e co-autoria de **Melânia Lima Santos, Ycaro Swuan Andrade Cor, Izabel Cristina da Silva Santos**)

ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA NO DEPARTAMENTO DE ARQUIVO GERAL (DAG/UFSM), **CAMILA POERSCHKE RODRIGUES** (e co-autoria de **Dione Calil Gomes, Franciele Simon Carpes, Livia Regina Rocha Retamoso, Maiara de Arruda Nascimento**)

O ACESSO E O SIGILO DOS DOCUMENTOS SEGUNDO A LEGISLAÇÃO ARQUIVÍSTICA BRASILEIRA., **ISAAC NEWTON CESARINO DA NÓBREGA ALVES** (e co-autoria de **André Luiz Dias de França**)

QUANDO UM E-MAIL É UM DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO., **ISAAC NEWTON CESARINO DA NÓBREGA ALVES** (e co-autoria de **André Luiz Dias de França**)

O USO E "PÓS-USO" DA INFORMAÇÃO ORGÂNICA ARQUIVÍSTICA, **RODRIGO FORTES DE AVILA**

DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DE PROCESSOS JUDICIAIS, **TASSIARA JAQUELINE FANCK KICH**

POLÍTICAS DE GESTÃO DOCUMENTAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG: DO SONHO À REALIDADE, **TATIANE VEDOIN VIERO** (e co-autoria de **Andrea Gonçalves dos Santos, Karin Christine Schwarzbald**)

SISTEMA INFORMATIZADO DE GESTÃO ARQUIVÍSTICA DE DOCUMENTOS DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS (SIGED/TJMG) EM FACE DOS REQUISITOS FUNCIONAIS DO E-ARQ BRASIL., **GISELI MILANI SANTIAGO BALBINO** (e co-autoria de **Leandro Ribeiro Negreiros**)

GESTÃO DE DOCUMENTOS NAS UNIDADES DE ARQUIVO E PROTOCOLO DA UNIRIO, **FABIANA DA COSTA FERRAZ PATUELI**

GERÊNCIA DE ARQUIVOS I : UMA RELAÇÃO TEÓRICA SOB A ÓTICA PRESENCIAL E VIRTUAL., **ROSANARA PACHECO URBANETTO** (e co-autoria de **Tatiana Costa Rosa**)

DIMENSÕES METACOGNITIVAS NO PROCESSO DE BUSCA DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA, **DULCE AMELIA DE BRITO NEVES** (e co-autoria de **Dirlene Santos Barros**)

ARQUIVO E ESCOLA: A CONTRIBUIÇÃO DA INTERNET NA DIFUSÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS, **PRISCILA RIBEIRO GOMES** (e co-autoria de **Magno Vinicius da Silva Monteiro, Alinne Pereira da Costa**)

LEITURA DOCUMENTÁRIA E ESTUDOS PALEOGRÁFICOS: O OLHAR ARQUIVÍSTICO SOBRE A DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA ANTIGA PARAIBANA DOS ARQUIVOS PÚBLICOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA RELATIVA ÀS ELITES PROVINCIAIS (1824-1840) , **FRANCINETE FERNANDES DE SOUSA** (e co-autoria de **Roberto Jorge Chaves Araújo**)

## UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A DISCIPLINA DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA OFERTADA NOS DIFERENTES CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL.

Tiele Padilha Silveira<sup>1</sup>  
Valéria Raquel Bertotti<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa descritiva exploratória, com abordagem qualitativa, que objetivou identificar as formas de ensino da disciplina de Descrição Arquivística nos cursos de graduação em Arquivologia ministrados no Brasil. Os dados foram coletados através de um questionário não estruturado contendo dezesseis questões abertas e fechadas, enviados pelo correio eletrônico dos docentes da disciplina de descrição dos cursos de Arquivologia. Todavia, dos quinze questionários enviados apenas obteve-se resposta de nove instituições, sendo que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possui três disciplinas referentes à descrição e a Universidade Federal Fluminense (UFF) possui duas, que totalizaram doze questionários respondidos. Serão apresentadas no referencial teórico o ensino superior no Brasil, um breve relato sobre todos os cursos de Arquivologia, seguido de informações referentes à Arquivística e a atividade de descrição arquivística. Após, os resultados alcançados serão apresentados também através de gráficos para a melhor compreensão. Com os objetivos alcançados, e de acordo com os resultados considera-se que em geral as disciplinas possuem métodos de ensino semelhantes, tendo poucas divergências entre si. Assim, esta pesquisa fornecerá informações relevantes de interesse da comunidade arquivística.

**Palavras-Chave:** Ensino, Procedimentos Metodológicos de Ensino, Arquivologia, Descrição Arquivística.

### 1 INTRODUÇÃO

A descrição arquivística é uma grande aliada do arquivista, partindo do pressuposto de que este profissional deve criar mecanismos de acesso à informação e que para isso é

---

<sup>1</sup> [tiele-rg@hotmail.com](mailto:tiele-rg@hotmail.com), acadêmica do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

<sup>2</sup> [yali.bertotti@gmail.com](mailto:yali.bertotti@gmail.com), docente do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

necessário a elaboração de instrumentos de pesquisa. Para tanto, é necessário que o arquivista tenha tido em sua vida acadêmica o estudo de bibliografias específicas, bem como a oferta de disciplinas que trabalham com a referida área.

Assim, os professores que ministram a disciplina referente à descrição arquivística exercem, principalmente, a função de ensinar aos seus alunos os procedimentos de criação dos instrumentos de pesquisa através de normas, que permitem a recuperação das informações contidas nos documentos de arquivo e seus conjuntos. Isto justifica-se, pois o arquivista trabalha direta e indiretamente com pesquisadores, historiadores, entre outros, tendo assim que disponibilizar para esses profissionais, agilidade no acesso aos arquivos de interesse.

Com essas premissas, esta disciplina é vista por muitos arquivistas e pesquisadores da área, como fundamental para a formação do futuro profissional em Arquivologia. Tendo em vista que uma das atribuições deste é proporcionar acesso às informações de uma forma mais eficaz. Com isso, é necessário que haja uma disciplina que englobe todas essas atribuições. Assim, é instigante saber “como a disciplina de descrição arquivística é ministrada nos diferentes cursos de Arquivologia do Brasil?”

Deste modo, têm-se como objetivo geral desta pesquisa identificar as formas de ensino da disciplina de descrição arquivística. Para a realização deste, os objetivos mais específicos compreendem: investigar se todos os cursos ofertam essa disciplina, averiguar em que semestre e qual a carga horária é ofertada, analisar os conteúdos programáticos e identificar de que forma esses conteúdos são trabalhados.

Justifica-se este trabalho, pois é importante conhecer as metodologias com que esta disciplina é ministrada pelos docentes. Permitirá, ainda, ao professor que ministra a disciplina, conhecer o método de aprendizagem dos outros colegas que também a lecionam em outras instituições, já que o educador deve acompanhar o ritmo da evolução de sua disciplina.

## **2 BREVE HISTÓRICO DOS CURSOS SUPERIORES DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL**

No ano de 1960 foi criado o primeiro curso que surge no Arquivo Nacional intitulado de *Curso Permanente de Arquivos*. No início da década de 70 foi criada a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), que segundo Britto (1999, pág.82) “no Brasil, a AAB teve um papel decisivo no processo de criação e regulamentação do ensino universitário de arquivologia”, assim, a AAB foi marcada por muita peleja e insistência.

A criação de mais um curso em 1978, o da Universidade Federal Fluminense (UFF) encerra um processo que seria retomado apenas na década de 90. “Mais de uma década se passou sem que novos cursos de graduação fossem criados, apesar das reais necessidades do mercado, que continuava precisando de profissionais.”<sup>3</sup> Apenas no ano de 1990 a Universidade de Brasília (UNB) implanta o Curso de Arquivologia .

Atualmente, existem no Brasil dezesseis cursos de ensino superior em Arquivologia. As regiões com maior concentração é a Sul e Sudeste, as quais possuem cinco cursos cada. Já o Nordeste possui três, seguido da Região Norte com dois, sendo estes os últimos a serem criados. Por fim, a Região Centro-Oeste possui somente uma Universidade com graduação em Arquivologia, localizada em Brasília.

### 3 ARQUIVOLOGIA

A Arquivística desde o seu surgimento possui divergências quanto a ser técnica ou ciência. Para alguns autores ela é vista como técnica, que tem por finalidade a organização e o acesso das informações do acervo e preocupa-se, sobretudo com as atividades práticas que desempenhará nos arquivos com agilidade e economia. Por outro lado, a arquivologia vista como ciência que:

Se ocupa de los archivos en sus aspectos teóricos y prácticos, estableciendo principios inalterables y estudiando técnicas adecuadas de gestión de documentos, administración y tratamiento técnico de archivos, así como la función jurídica, administrativa y científica de los mismos, desde un punto de vista archivístico o de ciencias y técnicas diversas, y su relación con las entidades productoras de los conjuntos orgánicos de documentos, a fin de manejar y hacer accesible la información de los fondos documentales. (Fuster Ruiz ,1999, p.134)

Segundo, Fernanda Ribeiro (2002, p. 98):

A Arquivística técnica faz parte da herança da Revolução de 1789 que se caracteriza, por um lado, pela existência de um organismo coordenador da política arquivística a nível de um país (normalmente o Arquivo Nacional), que difundem orientações técnicas e uniformiza procedimentos com vista a uma aplicação generalizada aos vários serviços de arquivo sob tutela estatal.

Por outro lado, Cândida Ribeiro (1998, p.50) alega que a Arquivística técnica “é uma perspectiva que continua a entender os arquivos, essencialmente, como serviços, descuidando ou mesmo ignorando o necessário conhecimento deles desde a sua gênese e em toda a sua

---

<sup>3</sup> Disponível em: <w3.ufsm.br/prograd/cursos/ARQUIVOLOGIA/APRESENTAcao.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2012.

complexidade sistêmica”. Assim, sua preocupação é decidir as dificuldades em relação à documentação acumulada de maneira prática e ágil.

Há ainda outros autores renomados que defendem o segundo pensamento, pois tem foco nas características e na representação do objeto de estudo que é determinado pela sua organicidade e função. Essa defesa é feita, pois são autores que não se preocupam somente com a prática e a historicidade documental, mas também com a cientificidade que estuda desde a origem dos documentos, com métodos críticos e coerentes.

Cândida Ribeiro (1998, p.25) ressalta que ”a Arquivística evoluiu numa linha coerente e muito própria, a ponto de, no presente, ter conseguido ganhar um estatuto de cientificidade.”. A Arquivística como ciência tem adquirido destaque, pois apresenta estudos de pesquisas expressivas a partir do seu objeto de estudo.

#### **4 DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA**

Os registros mais antigos relacionados à descrição arquivística são os “repertórios de documentos registrados em tabletes de argila, encontrados na cidade de Nuzi, atualmente conhecida como Yorgan Tepe, na região da Mesopotâmia, datados de 1500 a.C.” (DURANTI, 1993, p. 48). Naquela época ainda não se utilizava a descrição para a recuperação das informações, mas sim para auxiliar a “administração, além de permitir o transporte dos arquivos e a preservação do seu conteúdo em caso de deslocamento súbito, devido à guerra, incêndios e furtos” (DURANTI, 1993, p. 48).

Desde o surgimento da arquivística existia a necessidade de utilizar meios para a localização e recuperação dos documentos, e em 1898 a Associação dos Arquivistas Holandeses (AAH) apresenta a primeira publicação sobre o assunto, com o nome intitulado de “Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos”, mas embora o livro tenha um capítulo destinado somente para a descrição, este não faz uma definição concreta do tema. De acordo com a AAH (apud ANDRADE E SILVA, 2008, p.16), este manual:

Acentua a necessidade de que a documentação seja descrita uniformemente, sem privilegiar este ou aquele documento e tendo por base um suposto grau de valor histórico que é identificado ou atribuído pelo agente descritor. Citava ainda a necessidade de uma descrição que partia do conjunto documental mais geral até a descrição das unidades específicas do acervo.

Com esta acepção, entende-se que o intento da Associação dos Arquivistas Holandeses em relação à descrição, era a de estabelecer meios de acesso sem favorecer nenhum tipo

documental, e sim se preocupar com uma descrição padrão para o acervo que advém da hierarquia de classificação empregada.

Desde então a descrição arquivística passou a ter um espaço importante no meio arquivístico, a qual virou tema de muitas discussões.

Em 1974 a Sociedade dos Arquivistas Americanos (apud HAGEN, 1998, p. 294) a definia como “o processo de estabelecer controle intelectual sobre o patrimônio documental mediante preparação de instrumentos de pesquisa”, sendo esta ligada a recuperação dos documentos através de meios de acesso.

O processo de descrição se transformou em uma atividade primordial para a Arquivologia, que como afirma Bellotto (2006, p. 179) é uma tarefa “típica dos arquivos permanentes” a qual sintetiza como sendo o “processo que consiste na elaboração de instrumentos de pesquisa que possibilitem à identificação, o rastreamento, a localização e a utilização de dados”. Com isso, os documentos ficam mais próximos do pesquisador, sem precisar ter contato direto com a documentação, que provavelmente já está em situação de degradação, oferecendo ainda agilidade no acesso para os interessados realizarem pesquisas.

Por outro lado, Lopes (2009, p. 312) argumenta que:

A descrição começa no processo de classificação, continua na avaliação e se aprofunda nos instrumentos de busca mais específicos. Em todos os casos, o trabalho do arquivista é o de representar ideologicamente as informações contidas nos documentos. As operações de natureza intelectual são, sem exceção, de natureza descritiva.

Neste caso o autor deixa claro que todo trabalho intelectual é um trabalho descritivo. Compreendendo a descrição já no arquivo corrente, sendo os documentos descritos a partir de sua produção será mais fácil recuperar e permitir o acesso às informações no arquivo permanente. Todavia, a forma de descrever necessita ser diferente entre os arquivos correntes, intermediários e permanentes. Assim, o que difere a descrição nas fases documentais é o tipo de operação e o público alvo.

Com isso, para o processo de descrição o arquivista deve “aprender, compreender, estruturar, classificar, arrumar e descrever a informação orgânica e registrada de modo global antes de detalhá-la” (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p.130). Visando assim “à garantia de descrições consistentes, apropriadas e auto-explicativas” (CONARQ, 2006, p.10), que facilitará a disseminação das informações.

#### **4.1 Instrumentos de pesquisa**

Como citado por muitos autores a descrição arquivística tem como principal atividade a elaboração de instrumentos de pesquisa. Estes são definidos por Bellotto (2007, p. 180) como “obras de referência que identificam, resumem e localizam, em diferentes graus e amplitudes, os fundos, as séries documentais e/ou as unidades documentais existentes em um arquivo permanente”, ou seja, com esses instrumentos é possível assegurar o acesso, a conservação e a preservação dos fundos documentais.

Contudo, primeiramente é necessário ter uma visão ampla dos documentos, ou seja, do geral para o particular. Desta forma, para complementar esta afirmação Bellotto (2007, p. 220) ressalta que:

A elaboração de instrumentos de pesquisa deve ser sucessiva, partindo do geral para o particular. Dada a necessidade de se fornecer, antes de qualquer particularidade, uma visão geral dos fundos do arquivo, seus serviços e possibilidades de acesso, o primeiro instrumento a ser elaborado deve ser o guia. Os instrumentos parciais (referentes a fundos determinados ou a parte deles) como inventários e catálogos, podem ser feitos concomitantemente ou sucessivamente.

Desta maneira, há três principais instrumentos utilizados pelas instituições: os guias, os inventários e os catálogos.

Já que a execução dos instrumentos deve ser consecutiva, inicia-se pela elaboração do guia. Este é o mais conhecido, por ser o que “oferece informações gerais sobre fundos e coleções existentes em um ou mais arquivos” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.92). Assim, utiliza-se uma visão maximalista, que favorece a divulgação do local descrito.

Após ou simultaneamente com a criação do guia de fundos, é crucial que seja elaborado o inventário, uma vez que é o “instrumento de pesquisa que descreve conjuntos documentais ou partes dele” (BELLOTTO, 2004 p.197). Com isso, este permite conhecer as informações contidas na documentação, através da descrição das séries e/ou dossiês.

Por outro lado, o catálogo é um instrumento mais específico, o qual André Lopez (2002, p.32) ressalta que “o fundamental do catálogo é que ele se atenha à compreensão dos documentos dentro de suas relações orgânicas com as atividades que os produziram”. Deste modo, este instrumento de pesquisa se for descrito seletivamente não precisará respeitar a classificação dos documentos, sua descrição é realizada através de cada peça documental.

Existem outros instrumentos de pesquisa, como por exemplo, as edições de fontes, índices, tabelas de equivalência que são menos complexos, mas que também possuem informações sobre os documentos e sua localização. Contudo, estes são menos utilizados pelas instituições por serem instrumentos auxiliares.

## 4.2 Normas de descrição arquivística

A construção dos instrumentos de pesquisa ou os elementos que constituem os mesmos podem acontecer com a aplicação de normas. Desta maneira, essas normas auxiliam para que as descrições fiquem mais completas, a qual garantirá principalmente na recuperação da informação.

Com a necessidade da padronização o Conselho Internacional de Arquivos (CIA) em 1989 criou a Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística (ISAD (G)) sendo esta reconhecida mundialmente. Esta Norma surgiu com o intuito de padronizar a descrição, e assim propiciar que haja regras e termos próprios. Com isso, segundo Castanho (2001, p. 70) a norma surge para “somar, regularizar e generalizar uma das atividades arquivísticas responsáveis pelo acesso e uso dos documentos, a descrição”.

A ISAD(G) é constituída através de 26 elementos, sendo divididas em 7 áreas, e a descrição é feita por níveis com itens obrigatórios. Assim, uma das grandes vantagens segundo Silva (2009, p. 14), é definir:

Em um único documento normativo, os elementos essenciais para qualquer descrição em arquivos, servindo de subsídios teóricos para que alguns países elaborassem suas próprias normas de Descrição Arquivística.

Desta forma, a ISAD(G) serviu de exemplo para muitas outras normas existentes em vários países, na qual possui elementos consistentes para a elaboração de descrições arquivísticas.

No caso do Brasil a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) criada em 2006 pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), além de apresentar os 26 elementos da ISAD(G), adiciona 2 elementos e a área de pontos de acesso e descrição de assuntos, que caracterizariam as necessidades dos arquivos brasileiros. Esta norma tem como objetivo “estruturar a informação a partir de elementos de descrição comuns, buscando interferir o mínimo possível na forma final em que as descrições são apresentadas (CONARQ, 2006, p.13)”.

Desta maneira, a NOBRADE foi adaptada para oferecer fácil entendimento e um maior detalhamento, na qual proporciona vários exemplos e notas, que auxiliam na sua aplicação. Inclusive, a própria norma apresenta:

[Deve] ser aplicada à descrição de qualquer documento, independentemente de seu suporte ou gênero. Informações específicas para determinados gêneros de documentos podem e devem, sempre que necessário, ser acrescentadas. (CONARQ, 2006, p. 19)

Também, a NOBRADE oferece a descrição para todos os níveis documentais. Com isso, pode ser feita a descrição somente com esta norma, pois ela oferece subsídios suficientes para a elaboração dos instrumentos de pesquisa em qualquer nível documental.

A ISAAR (CPF) é utilizada, principalmente, para descrever os produtores dos documentos, segundo a própria Norma (2004, p.12) ela possibilita:

O acesso a arquivos e documentos baseado no fornecimento de descrições do contexto da produção dos documentos associadas a descrições desses mesmos documentos, com frequência diversos e fisicamente dispersos; aos usuários a compreensão do contexto subjacente à produção e ao uso dos arquivos e documentos, de forma que possam melhor interpretar seus sentidos e significados; a identificação precisa dos produtores de documentos, incorporando descrições dos relacionamentos entre diferentes entidades, especialmente documentando a mudança administrativa em entidades coletivas ou mudanças pessoais de circunstâncias em indivíduos e famílias; e o intercâmbio dessas descrições entre instituições, sistemas e/ou redes.

Com isso, esta norma favorece uma melhor apresentação das características das pessoas e instituições que produziram os documentos, através do registro das autoridades.

A norma internacional para descrição de funções (ISDF) é a que dá padrões específicos para a descrição de funções desempenhadas pelas instituições. Conforme, a CIA (2008, p. 08):

A descrição de funções exerce um papel vital na explicação da proveniência de documentos. As descrições de funções podem ajudar a situar os documentos com mais segurança no contexto de sua produção e uso. Também ajudam a explicar como e por que documentos foram produzidos e subsequentemente usados, o propósito ou papel que foram destinados a executar numa organização, e como se ajustavam a essa organização e se ligavam a outros documentos por ela produzidos.

Dessa maneira, esta norma contribuirá diretamente com a proveniência e a organicidade dos documentos.

Já em relação à Norma Internacional para Descrição de Instituições com Acervo Arquivístico (ISDIAH), esta pode ser empregada para a padronização da descrição das

entidades custodiadoras de acervos. Assim, seu principal objetivo “é facilitar a descrição de instituições arquivísticas cuja função primordial seja guardar arquivos e torná-los disponíveis para o público em geral (CIA, 2009, p.11).” Esta norma então permitirá o acesso aos fundos documentais não somente em meio físico, mas também dará suporte para os sistemas informatizados.

### 4.3 O ICA-AtoM - Conselho Internacional de Arquivos - Acesso à Memória

O ICA-AtoM foi apresentado no ano de 2008 pelo CIA, e consiste em um programa específico para a descrição arquivística, compatível com as normas ISAD(G), ISAAR (CPF), ISDIAH e a NOBRADE. Este software livre “é fundamentado em ambiente web, com aplicativo de código aberto baseado em padrões para a descrição arquivística num contexto multilíngue, ambiente multiarquivos.”<sup>4</sup> O ICA – AtoM foi criado para ser livre pois a intenção dos idealizadores é que ele seja “usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem restrição.”<sup>5</sup>

Convém citar algumas vantagens que favorecem a utilização deste programa para a elaboração da descrição, uma delas diz respeito às interfaces dos usuários nas quais “elementos e conteúdos da base de dados podem ser traduzidos para diferentes idiomas”<sup>6</sup> sem perda de tempo. Outra vantagem é ser fundamentado na *web* através de páginas HTML<sup>7</sup>, para facilitar o acesso dos usuários.

## 5 METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se por ser qualitativa, uma vez que não pode ser demonstrado em números, mas sim analisada e interpretada do todo. Assim, este estudo:

Tem caráter exploratório, isto é, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Mostra aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. (ALVES-MAZZOTTI E GEWANSZAIDER, 2001, p. 27).

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.ica-atom.org/doc/What\\_is\\_ICA-AtoM%3F/pt](http://www.ica-atom.org/doc/What_is_ICA-AtoM%3F/pt)> Acesso em: 15 abr. 2012

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://br-linux.org/faq-softwarelivre/>> Acesso em: 15 abr. 2012.

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.ica-atom.org/doc/What\\_is\\_ICA-AtoM%3F/ptacesso](http://www.ica-atom.org/doc/What_is_ICA-AtoM%3F/ptacesso)> Acesso em: 15 abr. 2012.

<sup>7</sup> HTML – Linguagem de Marcação de Hipertexto

Já em relação à classificação da pesquisa quanto aos objetivos, este será tanto do tipo descritivo quanto exploratório, já que um complementará o outro. Assim, a pesquisa descritiva é “o trabalho de descrição que tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados” (MANNING, 1979, p.668), o que objetivará descrever as características do estudo. E por outro lado, a exploratória que é um tipo de estudo que visa “proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores” (GIL, 1999, p. 43), na qual desenvolverá e esclarecerá as idéias.

### **5.1 Sujeitos do Estudo**

Os participantes foram escolhidos por serem professores que ministram a disciplina de descrição arquivística nos cursos de graduação de Arquivologia, totalizando dezessete educadores das quinze Universidades. O motivo de ter optado somente pelos professores se fez, pois os objetivos do trabalho também englobavam os métodos utilizados por esses em sala de aula. O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Pará – UFPA não participou da pesquisa, pois iniciou suas atividades este ano.

### **5.2 Método de tabulação dos dados**

Inicialmente, houve a verificação dos e-mails recebidos a fim de confirmar se todas as questões haviam sido respondidas e se o documento de *Word®* não estava danificado. Logo, as informações foram salvas na pasta referente ao nome da instituição, localizada no computador da pesquisadora.

Para as questões fechadas, na qual totalizaram-se sete, a tabulação dos dados foi codificada de acordo com a necessidade, portanto, realizou-se de três maneiras. Em três questões foi feita através do gráfico de pizza, em uma foi a partir de gráfico de coluna e três em forma de texto, a escolha destas representações deu-se por serem fáceis de compreender. As questões abertas que ao todo foram nove, a tabulação procedeu-se por dois meios, manuais e eletrônicos. As respostas foram primeiramente interpretadas e comparadas, depois digitadas em um quadro comparativo referente a cada pergunta, sendo esses quadros organizados pelas Universidades de acordo com o ano de surgimento dos cursos de Arquivologia.

Através das respostas deste método de coleta de dados foi possível conhecer os pontos que devem continuar sendo executados e os pontos que por ventura necessitem ser reformulados. Tal ação visa também evidenciar aspectos significativos referentes às formas de ensino da disciplina de descrição e a maneira com que esses professores passam para os estudantes a teoria e a prática desta matéria. Os dados foram comparados e em seguida analisados e encadeados com a bibliografia escolhida. Deste modo, o método de análise foi feito a partir de uma pesquisa transversal, ou seja, em curto espaço de tempo.

## 6 RESULTADOS

Dos quinze questionários enviados apenas obteve-se resposta de nove instituições, sendo que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possui três disciplinas referentes à matéria de descrição e a Universidade Federal Fluminense (UFF) possui duas, totalizando doze questionários respondidos. Assim, abaixo seguem os resultados obtidos.

Primeiramente organizaram-se os nomes das disciplinas que trabalham com a temática de descrição, o qual foi possível constatar que algumas denominações divergem. Dentre os doze questionários respondidos, existem cinco nomenclaturas diferentes que são: *Arquivos permanentes*, *Arranjo e descrição de documentos*, *Descrição arquivística/documental*, *Normas e padrões para o tratamento e recuperação da informação* e *Tópicos em funções arquivísticas - descrição arquivística: elaboração de instrumentos de pesquisa e estudo de caso*. Assim, quanto ao nome das disciplinas, percebe-se que a mais usual é descrição arquivística/documental.

Após constatou-se que todos os professores fazem parte do quadro efetivo de suas instituições, no entanto três não são titulares das disciplinas referentes à descrição. Sendo que desses três, dois são docentes da UFMG e nesta Universidade não há titulares nas disciplinas.

Em relação ao caráter da disciplina, onze são obrigatórias e somente a matéria de *Tópicos em funções arquivísticas* da UFMG é optativa<sup>8</sup>. Já o semestre oferecido, como apresentado no gráfico 1 (próxima página) foi possível perceber que a grande maioria ministram no quinto semestre, que totalizam cinco. Com esta questão, pôde-se constatar que a descrição arquivística é geralmente ofertada para os estudantes após dois anos de curso.

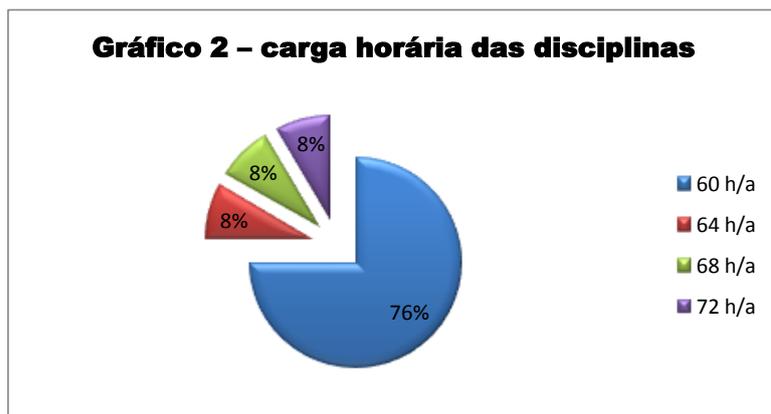
---

<sup>8</sup> A UFMG possui ainda as disciplinas de *Arquivos Permanentes* e *Descrição de documentos arquivísticos* que são de caráter obrigatório.



Fonte – Dados obtidos no questionário

Quanto à carga horária, os dados alcançados mostram que as disciplinas possuem o período de aulas totais no semestre igual ou superior a 60 h/a, conforme exibido no gráfico 2 abaixo.



Fonte – Dados obtidos no questionário

Ainda, nesta questão, as informações obtidas mostram que as três disciplinas que têm carga horária maior que 60 h/a, trabalham exclusivamente com o tema de descrição arquivística.

Em outra questão foi perguntado se os educadores consideram adequada a duração e a carga horária da disciplina, e todos responderam que sim. Nota-se com essa resposta que eles conseguem atingir todos os conteúdos propostos por sua(s) disciplina(s) na carga horária estipulada para tal.

Percebe-se que algumas disciplinas não possuem somente os estudos da descrição, mas também de arranjo documental e arquivos permanentes. Além disso, há ainda a disciplina de Normas e padrões para o tratamento e recuperação da informação que apresenta também as normas de biblioteconomia com carga horária dividida igualmente, na qual é ministrada por dois professores.

Ainda neste questionamento, identifica-se que todos os professores apresentam primeiramente, a fundamentação teórica da matéria para depois inserir a prática. Esse elo na descrição é muito importante, já que uma sempre complementar a outra.

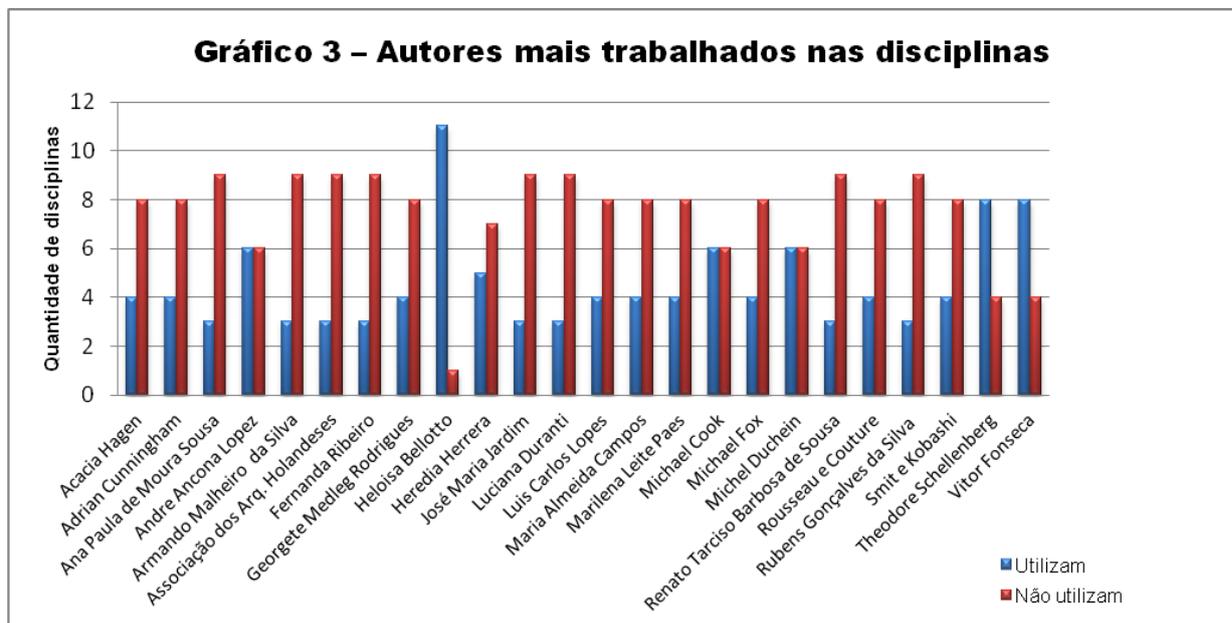
Também, percebe-se que há duas disciplinas que estudam indexação<sup>9</sup> e linguagens documentárias. Embora, a grande maioria dos educadores apresentem em suas aulas os suportes em meio digital, somente um cita em sua ementa. Em relação às normas é possível identificá-las na ementa de onze disciplinas. Já os instrumentos de pesquisa estão presentes em nove delas.

Quando perguntado se os estudantes têm contato com os instrumentos de pesquisa, somente a disciplina de arquivos permanentes da UFMG não oferece. Justifica-se, pois há mais duas disciplinas referentes à descrição arquivística no curso desta Universidade que aplicam esses instrumentos.

Em relação aos principais autores citados durante a disciplina, os dados obtidos estão apresentados no gráfico 3 (próxima página). Como critérios foram analisados os autores encontrados no mínimo em três bibliografias dos planos de ensino das disciplinas de descrição.

---

<sup>9</sup> “Processo que consiste em enumerar os conceitos sobre os quais trata um documento e representá-los por meio de uma linguagem combinatória” ( Van Slype, 1991)



Fonte – Dados obtidos no questionário

Com a análise verificou-se que a autora Heloisa Bellotto é a mais utilizada entre os professores, com o livro intitulado “Arquivos Permanentes – tratamento documental”, e em seguida por oito docentes os autores Theodore Schellenberg e Vitor Fonseca.

Quando os professores foram questionados quais são as normas de descrição utilizadas para o aprendizado, constatou-se que nove disciplinas estudam as normas ISAD(G), ISAAR (CPF), ISDF, ISDIAH e a NOBRADE, duas disciplinas estudam pelo menos três das citadas anteriormente e somente uma não trabalha com as normas. A disciplina que não estuda as normas é a de Arquivos Permanentes da UFMG, pois ela se preocupa apenas com as políticas de descrição.

A docente da disciplina de Arquivo Permanente 2 da UNB citou que faz uma rápida apresentação das normas para sistema de informação que são a *Encoded Archival Description (EAD)*, *Encoded Archival Guides (EAG)* e a *Encoded Archival Context (EAC)*. Na disciplina de Arranjo e Descrição de documentos da UFAM o professor relata que ensina também o Sepiades que é um software destinado para a descrição de fotografias e o ICA-AtoM que é um software livre para a descrição de documentos.

Também, em relação às normas, foi perguntado como estas são trabalhadas e percebeu-se que elas são estudadas de diversas maneiras. Os educadores as apresentam em aulas expositivas, oficinas, seminários apresentados pelos alunos, exercícios de aplicação das

normas e convidados que trabalham em instituições que usam a NOBRADE para relatar a sua experiência. Além disso, fazem atividades práticas para “atualizar” antigos instrumentos de pesquisa conforme as normas arquivísticas, elaboração de instrumentos de pesquisa baseado nas normas, análise das normas e revisão prática nas normas utilizando o ICA-AtoM.

Com relação a disciplina ser trabalhada com interdisciplinaridade, isto é, relacionando a sua disciplina com outras, somente duas disciplinas não relacionam. Acredita-se que a grande maioria trabalhe com interdisciplinaridade, pois no trabalho arquivístico é comum utilizar informações de outras disciplinas para aprimorar a que está sendo estudada.

Em se tratando de como o docente avalia o seu nível de interação com os alunos nas aulas, somente dois acreditam que seja médio e o restante avalia como alto. É interessante citar que alguns professores acreditam que o nível de interação depende muito da turma de alunos que a disciplina é abordada, pois para alguns estudantes o tema de descrição não é interessante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de descrição arquivística é a que permite ao usuário pesquisar informações contidas nos documentos de maneira ágil e concisa. E com a ajuda das normas, consolidará a descrição através de instrumentos de pesquisas manuais, digitais e eletrônicos. Desta maneira, é essencial o estudo desta disciplina nos cursos de Arquivologia desde as aulas teóricas até as práticas.

Com isso, esta pesquisa teve o intuito de analisar as disciplinas de descrição arquivística ofertadas nos cursos de Arquivologia do país, através de doze questionários recebidos pelos docentes. Os resultados obtidos durante a análise comprovam que os objetivos foram alcançados.

O que esta pesquisa pôde demonstrar é que de uma forma geral as disciplinas com a temática de descrição possuem muitas semelhanças, entretanto, com algumas divergências. Desta maneira, a partir da análise dos resultados foi possível realizar algumas considerações referentes às diferenças entre as disciplinas.

Diante das nomenclaturas alguns docentes apresentam somente em uma disciplina o estudo da descrição junto com o arranjo, por as duas serem elaboradas no arquivo permanente, ou até mesmo, denomina a disciplina como arquivo permanente. Contudo, alguns autores renomados no meio arquivístico, como por exemplo, Luís Lopes defende que as

atividades de descrição arquivística são realizadas desde os arquivos correntes. Com isso, acredita-se que há necessidade de uma avaliação entre os docentes interessados, para discutirem sobre a padronização da nomenclatura das disciplinas que tratam do tema de descrição.

Infelizmente, somente uma universidade possui optativa referente à temática de descrição. A optativa é importante uma vez que complementa os ensinamentos da disciplina obrigatória, e acredita-se que somente um período é insuficiente para ter um entendimento aprofundado tanto da teoria quanto da prática descritiva.

Também, pode-se constatar que só duas disciplinas utilizam os laboratórios para as aulas práticas. Acredita-se que a ausência de ambientes próprios para a elaboração de atividades práticas pode prejudicar o desempenho do estudante, uma vez que autores de diversas áreas já realizaram pesquisas, e descobriram que o ambiente de trabalho e/ou pesquisa auxilia na execução das atividades propostas.

Já os autores utilizados pelos docentes, pôde-se perceber que eles apresentam os mais relevantes para a disciplina. Entretanto, não são padrões entre os professores.

Percebeu-se que são poucos os docentes que dão ênfase aos sistemas informatizados, como por exemplo, o ICA-AtoM. É importante, que os discentes tenham conhecimentos das atividades descritivas realizadas em meio digital, já que o futuro arquivístico será praticamente ou até mesmo totalmente informatizado.

Neste sentido, essa pesquisa, particularmente, pôde trazer algumas informações relevantes principalmente para os docentes que lecionam a disciplina de descrição arquivística. Todavia, com esse trabalho percebe-se que a partir das respostas dos questionários, todas as formas de ensinar dos docentes são relevantes e pertinentes.

Outro fator, é que a situação atual da documentação arquivística de instituições públicas e privadas, carece de instrumentos de pesquisa que permitam não somente o acesso, mas também a divulgação do local e a preservação. Espera-se que esta investigação tenha andamento, mas com foco nos alunos que já estudaram esta disciplina, pois acredita-se que para os alunos a carga horária não é suficiente. Assim, junto com esta pesquisa poderá cruzar as informações e, apresentar se os discentes também ficaram satisfeitos com o período de aula e com os métodos de ensino empregados pelos docentes.

Conclui-se que o estudo da descrição é um assunto de discussão realizada por muitos pensadores da área arquivística, pois permite principalmente o acesso às informações que vem a ser um dos principais objetivos do profissional arquivista. E com os resultados obtidos neste

trabalho, a comunidade arquivística que tiver interesse deste assunto, conhecerá as diferentes formas de ensino realizadas pelos docentes que ministram a temática de descrição e perceber que mesmo distantes geograficamente, possuem grandes similaridades nos seus métodos de estudo.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005 (Publicações técnicas, 51)

BELLOTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos Permanentes: Tratamento Documental**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2004.

\_\_\_\_\_. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. v. 1. 318 p.

\_\_\_\_\_. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm)  
Acesso em 16 mai. 2012.

BRITTO, Maria Tereza Navarro de. **O Ensino Universitário de Arquivologia no Brasil**. In: JARDIM, José Maria (organizador). *A formação do Arquivista no Brasil*. – Niterói, R.J: EdUFF, 1999.

CASTANHO, Denise Molon; et al. **Uma política de arranjo documental para a Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: UFSM, CCSH, Departamento de Documentação, Curso de Arquivologia, 2001.**

CIA, Conselho Internacional de Arquivos. **ISAAR (CPF): Norma internacional de Registro de Autoridade Arquivística para entidades coletivas, pessoas e família** 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

Disponível em: [w3.ufsm.br/prograd/cursos/ARQUIVOLOGIA/APRESENTAcaoO.pdf](http://w3.ufsm.br/prograd/cursos/ARQUIVOLOGIA/APRESENTAcaoO.pdf).  
Acesso em: 13 abr. 2012.

Disponível em: [http://www.ica-atom.org/doc/What\\_is\\_ICA-AtoM%3F/pt](http://www.ica-atom.org/doc/What_is_ICA-AtoM%3F/pt) Acesso em: 15 abr. 2012

Disponível em: <http://br-linux.org/faq-softwarelivre/> Acesso em: 15 abr. 2012.

Disponível em: <[http://www.ica-atom.org/doc/What\\_is\\_ICA-AtoM%3F/ptacesso](http://www.ica-atom.org/doc/What_is_ICA-AtoM%3F/ptacesso)> Acesso em: 15 abr. 2012.

\_\_\_\_. **ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística.** 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

\_\_\_\_. **ISDF: Norma internacional para descrição de funções.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

\_\_\_\_. **ISDIAH: Norma internacional para descrição de instituições com acervo arquivístico.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

CONARQ, Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

COUTURE, Carol; Rousseau, Jean Yves. **Os fundamentos da disciplina arquivística.** Tradução de Magda Bigote de Figueiredo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. 356 p. (Nova enciclopédia, 56). Localização: AN; CEDIC.

FUSTER RUIZ, Francisco – **Archivística, archivo, documento de archivo... necesidad de clarificar los conceptos.** [Em linha]. *Anales de documentación.* 2 (1999) 103-120.

Disponível em:

<<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=63500207>>. Acesso em: 19 mai. 2012.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

LOPES, Luis Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa.** 2. ed. Brasília: Projecto Editorial, 2009. 369 p.

LOPEZ, ANDRÉ Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa.** São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002. 57p.

MANNING, Peter K., *Metaphors of the Field: varieties of organizational discourse, In Administrative Science Quarterly*, vol.24, n°. 4, December 1979, pp.660-671.

RIBEIRO, Fernanda. **Da arquivística técnica a arquivística científica: a mudança de paradigma.** *Revista da Faculdade de Letras, I Série* vol. 1, p. 97-110, 2002.

SILVA, Rosani Beatriz Pivetta da. **Descrição Arquivística.** In: *Curso de Especialização a Distância em Gestão em Arquivos.* Santa Maria: UFSM, 2009.

## QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI**  
**CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

Este questionário é parte da primeira etapa do projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de TCC I do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que pretende investigar sobre a disciplina de Descrição Arquivística ofertada nos diferentes cursos de Arquivologia do Brasil.

**1. Você é professor:**

- a) (.....) Efetivo
- b) (.....) Substituto

**2. Quais os nomes das disciplinas que você ministra que trabalham com a Descrição Arquivística?**

\_\_\_\_\_.

**3. Você é o professor titular desta(s) disciplina(s)?**

- a) (.....) Sim
- b) (.....) Não

**4. Em qual semestre a(s) disciplina(s) é(são) ofertada(s)?** \_\_\_\_\_.

**5. Qual a carga horária da(s) disciplina(s)?** \_\_\_\_\_.

**6. Qual a ementa da(s) disciplina(s)?** \_\_\_\_\_.

**7. As disciplinas que você trabalha com a Descrição Arquivística possuem caráter:**

- a) (.....) Obrigatória \_\_\_\_\_.
- b) (.....) Optativa \_\_\_\_\_.

**8. Os estudantes têm contato com os instrumentos de pesquisa durante a disciplina?**

a) (.....) Sim

b) (.....) Não

**9. Existem aulas práticas?**

a) (.....) Sim

b) (.....) Não

**10. Se a resposta anterior for afirmativa, como são realizadas essas aulas práticas?**

\_\_\_\_\_.

**11. Quais são os principais autores trabalhados?**

\_\_\_\_\_.

**12. Quais são as normas de descrição utilizadas para o aprendizado? E de que forma elas são apresentadas e/ou praticadas?**

\_\_\_\_\_.

**13. A disciplina é trabalhada com interdisciplinaridade, isto é, relacionando a sua disciplina com outras?**

\_\_\_\_\_.

**14. Existem disciplinas complementares em relação a esta disciplina? Se sim, quais são? (Como por exemplo, alguma optativa).**

\_\_\_\_\_.

**15. Você avalia o seu nível de interação com os alunos nas aulas como:**

a) ( ) alto.

b) ( ) médio.

c) ( ) baixo.

**16. Quanto à duração e a carga horária da disciplina que você leciona, você considera:**

- a) (.....) adequada.
- b) (.....) inadequada.

Desde já agradeço a compreensão. Obrigada.

Atenciosamente,

Tiele Padilha